Nº 2

Dezembro

2012

www.colectivolibertarioevora.wordpress.com * www.facebook.com/ColectivoLibertarioEvora

Acção Directa

Boletim do Colectivo Libertário de Évora

Com a crise e a austeridade

Acentua-se o roubo a quem trabalha

A marca principal do capitalismo é a apropriação individual e privada, por parte dos patrões e das empresas, das mais-valias do trabalho gerado de forma colectiva. Ao longo do último século e meio, através das suas organizações de classe, muitas delas de inspiração anarquista e anarco-sindicalista, os trabalhadores conseguiram impor melhores condições de trabalho, de segurança, de salários e de protecção social. É aquilo a que, para enganar *pacóvios*, a classe possidente chama de "Estado Social". Mas, na verdade, nada disso tem a ver com o "Estado" e muito menos com qualquer "Estado Social" (em que os dois termos se contradizem). Tem antes a ver com a luta e com as conquistas de milhões de trabalhadores em todo o mundo que, ao longo de gerações, organizados e unidos, conseguiram obter melhores condições de trabalho e melhores salários, à revelia do chamado "capitalismo selvagem" que imperava no início do período industrial e que hoje ainda é preponderante em quase toda a Ásia, África e América Latina. Com melhores salários puderam pagar mais impostos para subsidiar sistemas como a saúde, o ensino, a protecção social (desemprego, reformas, etc.).

Na Europa e na América do Norte, onde os movimentos operários e sociais tiveram maior relevo e conseguiram obter maiores vantagens para os trabalhadores, os tempos hoje são, no entanto, de recuo. De recuo nos direitos sociais, nos salários, nos horários e nas condições de trabalho.

A "crise" está dar um jeitão aos principais grupos económicos e empresariais que, mesmo num mercado em retracção, continuam a acumular lucros fabulosos. As maiores fortunas continuam a crescer e o fosso entre os mais ricos e os mais pobres, em toda a Europa e América do Norte, não pára de aumentar.

Em Portugal, a estratégia de empobrecimento levada a cabo pelo actual Governo vista transformar os trabalhadores em mão de obra cada vez mais barata, trabalhando mais horas e cada vez com menos direitos e menos acesso à saúde, à educação, à habitação.

A pretexto da "crise "acentua-se a transferência de riqueza e de direitos de quem trabalha para os bolsos dos capitalistas, dos banqueiros e dos empresários, numa autêntica contra-revolução revanchista, face à qual os sindicatos maioritários são complacentes. tentando que o descontentamento popular seja canalizado para a luta político-partidária (de que são fiéis serventuários) e não desenvolvendo um projecto autónomo de luta, de resistência e de confronto pela manutenção e ampliação dos direitos dos trabalhadores.

Num altura em que fecham dezenas de empresas e em que milhares de trabalhadores estão a ser despedidos é urgente construir uma alternativa sindical revolucionária, anarco-sindicalista, que traga para o debate e para a prática quotidiana questões tão relevantes como a autogestão ou a acção directa. Que volte a colocar a revolução social na ordem do dia e que faça os novos/velhos arautos do capitalismo entenderem que o sistema capitalista não é, definitivamente, o fim da história e que outro mundo é possível.

"A anarquia é a mais alta expressão da ordem"- Eliseu Reclus

Sindicalismo & luta de classes

Construção Civil, restauração, Academia Aeronáutica, Kemet…

Despedimentos em Évora somam e seguem

- Falta uma resposta sindical adequada

Todos os dias há trabalhadores despedidos em Évora. A construção civil está parada, a restauração enfrenta dias difíceis devido ao aumento do IVA e à falta de poder de compra da população em geral.
No entanto, tirando algumas acções esporádicas a reacção dos trabalhadores tem sido quase nula. Os sindicatos oficiais (seja da CGTP, seja da UGT) primam pela falta de estratégia. As empresas anunciam os despedimentos e levam-nos para a frente. Sozinhos, sem organizações combativas, os trabalhadores estão indefesos perante a prepotência das grandes empresas. E os despedimentos somam-se diariamente a outros despedimentos, no meio de um quase completo silêncio.
Eis alguns exemplos: A Academia Aeronáutica de Évora, propriedade de uma empresa canadiana, que operava no Aeródromo Municipal, acaba de encerrar as suas portas com o despedimento dos 12 últimos trabalhadores. Em Janeiro já tinham sido alvo de despedimento colectivo 33 trabalhadores da Academia, negando na altura, um porta-voz da empresa qualquer intenção de encerrar a escola, garantindo que vai manter em Évora o ensino teórico para "os mercados português e espanhol", além de "consolidar" a componente de "treino de voo de aclimatação". Uma mentira, como agora se viu.
No caso da norte-americana Kemet a intenção de despedimento colectivo vai atingir cerca de metade dos trabalhadores, num total de 154. Fonte da empresa disse que os despedimentos têm a ver com a deslocalização da produção para o México.
A fábrica de Évora da Kemet Electronics, que emprega cerca de 320 trabalhadores, produz condensadores de tântalo para telemóveis e para a indústria automóvel.
Segundo os trabalhadores, a empresa recebeu verbas avultadas do Estado português e da União Europeia que a Kemet deveria repor.
Os trabalhadores reuniram em plenário e marcaram uma deslocação a Lisboa, ao Ministério da Economia. Pouca coisa como se percebe.

Estivadores: um bom exemplo de luta

No panorama sindical português, a greve dos estivadores contra a nova lei que vem impor a desarticulação laboral nos portos e a precariedade de trabalho, aparece como algo de novo. Os sindicatos portugueses, regra geral, protagonizam lutas simbólicas, por objectivos gerais e raramente concretizáveis. São greves que se esgotam em si próprias e que esgotam os próprios trabalhadores, muitas vezes sem resultados. A greve dos estivadores - apenas às horas extraordinárias - e a sua participação em inúmeras manifestações e espaços de luta veio demonstrar as possibilidades que pequenos grupos de trabalhadores (neste caso algumas centenas) têm em paralisar sectores-chave da economia, se estiverem determinados e organizados.
É de salientar também o facto da generalidade das greves em Portugal ocorrer nos serviços públicos, enquanto que a estiva se processa numa relação directa entre os trabalhadores portuários e os operadores marítimos.
Apesar da enorme pressão a que têm estado sujeitos, os estivadores não tem vergado e desistido da sua luta, considerada exemplar e que tem gerado grande solidariedade em termos europeus, uma vez que as medidas que a direita e os operadores querem impor

nos portos portugueses (à semelhança dos gregos, que foram totalmente liberalizados) poderão estender-se a toda a Europa, levando a precariedade, o subemprego e o desemprego a muitos outros portos europeus.
Um dos argumentos falacioso e que mais têm sido esgrimidos pelas associações spatronais e pelo Governo é de que esta greve às horas extraordinárias está a destruir a economia portuguesa, sobretudo no sector das exportações, "imprescindível - dizem - para a recuperação económica do país. Primeiro: uma greve, para ter efeitos, deve fazer-se sentir o mais fortemente possível, em termos económicos e sociais. Este é um desses casos. Por outro lado, se a recusa em fazer horas extraordinárias afecta de tal maneira a economia isso significa que há muitos trabalhadores em falta no sector, que poderiam ser contratados com direitos e integração nas carreiras, mas que os operadores pretendem contratar, ao abrigo da nova legislação, sem qualquer vínculo ou formação.
E aqui está outra questão essencial: a precarização leva à falta de segurança e à falta de formação profissional, duas questões relevantes para quem trabalha nos portos, no sector das cargas e descargas.
Este exemplo dos estivadores portugueses devia ser tomado pela generalidade dos sindicatos nacionais acorrentados a ideologias político-partidárias e enfeudados a estratégias apenas eleitorais em que as bandeiras sindicais se confundem com os slogans dos partidos que, pondo os seus dirigentes nos órgãos de comando, usam os filiados nos sindicatos como "carne para canhão" para as suas manifestações, desfiles ou paralisações simbólicas.
A criação de um sindicalismo revolucionário e combativo é essencial para suster o caminho de derrotas, perdas e cortes que os trabalhadores portugueses sofrem na pele todos os dias.,

L.L.

Uma visão sobre a Greve Geral de 14N

Com o aumento das dificuldades socioeconómicas que actualmente vivemos, a greve geral que se estendeu pela europa mostrou claramente que os povos estão a ganhar cada vez mais força na luta contra os estados e a máquina capitalista.

Em Lisboa, como em outras cidades europeias, houve uma forte adesão de trabalhadores(as) e desempregad@s que decidiram efectivamente ir à luta, e para o povo a luta não é apenas paralisar serviços mas sim atacar directamente a raiz do mal.

A actuação da polícia nessas cidades onde se lutou foi sem dúvida lamentável, que apesar das ridículas declarações de Miguel Macedo (ministro da administração interna) quando disse que eram apenas meia dúzia de arruaceiros profissionais que estavam a atirar pedras, a polícia deteve cerca de 15 pessoas, e varreu à bastonada homens, mulheres, crianças e idosos das ruas perto e longe da assembleia, fazendo perseguições pelas ruas, inclusive até ao cais do sodré, e deixando um rasto de destruição por onde passou.

Já Arménio Carlos (secretário geral da CGTP) deu uma entrevista onde se pode dizer que "para tar a dizer merda, mais valia tar calado", declarando que acha lamentável que as pessoas tenham atirado pedras à policia na luta pelos seus direitos, ou seja, para o dirigente sindical a greve é uma coisa apenas para sindicalistas e sindicalizados, e a única "luta" correcta é a organizada pela CGTP.

A comunicação social fez também um belíssimo trabalho do ponto de vista governamental, onde jornalistas davam descrições depreciativas da actuação da população como por exemplo dizer que este é um "cenário nada dignificante"… "Nada dignificante" é não ter o que comer e ser posto da rua da sua própria habitação!!! Era bom que os jornalistas da comunicação social aprendessem a relatar as coisas sem tomarem partidos.

Cá por Évora bastantes serviços estiveram paralisados, no entanto pelas ruas da cidade as esplanadas estavam cheias de gente que fez greve mas que decidiram dedicar este dia ao consumo em massa, obrigando a um contra-balanço do efeito da greve que sendo assim até os capitalistas agradecem.

O desfile da CGTP correu como era de esperar sem incidentes e terminou com um discurso de 10 minutos na praça do giraldo que falava dos números da greve. Após esse discurso os sindicalistas recolheram as bandeiras e partiram enquanto trocavam uns sorrisos curiosos com o gangue do bastão…

No jardim das canas foi feita uma concentração anti-capitalista de carácter semelhante às concentrações dos movimentos indignados juntando algumas pessoas ao final da tarde.

Em conclusão, apesar da greve ser uma forma de luta importante, muit@s trabalhadores(as) voltam amanhã para os trabalhos extremamente frustrad@s pois não parece ter sido alcançado nenhum dos objectivos que @s levaram à luta. Ainda assim, um grande bem-haja a quem participou! Insistiremos, pois um dia será o nosso dia!

Baltazar Bresci

NÓS FAZEMOS GREVE AO TRABALHO E AO CONSUMO!

*Tu, **desempregado ou jovem operário**, que saltas de contrato precário em contrato precário.

*Tu, **estudante**, que sabes que não tens qualquer saída profissional.

*Tu, **reformado**, a quem cortam os míseros tostões da reforma depois de uma vida de trabalho e a quem estão a reduzir tudo o que são cuidados de saúde.

*Tu, **professor**, que este ano não tiveste lugar ou que com horário zero sabes que, em breve, te irão considerar excedentário.

*Tu, **jovem ou menos jovem**, mas a quem o Estado se prepara para cortar o posto de trabalho e o contrato a prazo.

*Tu, **precário a recibo verde**, que com tanto desconto, IRS, IVA, segurança social, já pagas para trabalhar.

*Tu, **artista, actor, poeta, músico ou pintor** que pões a chama da vida em tudo o que produzes e a quem tratam como um "subsidiodependente" que é preciso erradicar da sociedade.

*Tu, jovem **apaixonad@**, a quem os poderes cortaram todos os sonhos de futuro e todos os exercícios de criatividade

*Tu, **trabalhador do quadro de uma empresa**, a quem já ameaçam com o desemprego, a insolvência, a miséria.

*Tu, **dona de casa, mulher trabalhadora**, que cada vez que olhas para a factura da água, da luz ou do supermercado somas as parcelas e dizes "não pode ser".

*Tu, **pequeno comerciante, artesão, trabalhador por conta própria**, a quem o Estado exige cada vez mais e mais. Mais dinheiro, mais burocracia e mais impostos.

*Tu, **cidadão desta cidade**, a quem os Bancos e o Estado penalizam e roubam o pão, a casa e o trabalho.

* Vós, **mulheres e homens livres**, que não se sujeitam a serem paus mandados de um poder distante, prepotente, discriminatório e assente na exploração e na opressão.

vamos gritar **este 14 de Novembro bem alto o nosso descontentamento**, integrando a Greve Geral Ibérica e a Jornada de Luta que se está a preparar em grande parte da União Europeia. Queremos recuperar as nossas vidas das mãos da troika e das mãos dos desgovernos que nos transformaram num dos países mais pobres da Europa. Pode ser que nada mude ou que mude muito pouco. Mas se não nos mexermos é que, de certeza, nada vai mudar. Não nos podemos resignar a que nos espezinhem, mudos e quedos, sem que digamos de uma vez por todas: Basta de Miséria! Queremos outra vida e outro futuro!

A emancipação dos trabalhadores é obra dos próprios trabalhadores ou não o será!

Apelo do Colectivo Libertário de Évora à participação na Greve Geral de 14N

Textos

Pierre Clastres (1934-1977)) foi um importante antropólogo e etnógrafo francês que estudou em detalhe as principais populações índias da América Latina. Os seus estudos levaram-no à conclusão de que a divisão politica precedeu a divisão económica da sociedade e de que o poder político - o Estado - apareceu antes da propriedade privada e foi o seu guardião. A origem do poder politico é situada por Pierre Clastres, não nos chefes tradicionais, mas sim nos profetas, xamanes e feiticeiros que teriam o dom da palavra profética . Em Portugal, Pierre Clastres tem dois livros editados: "A Sociedade Contra o Estado" e "O Grã-Falar. Mitos e Cantos Sagrados dos Índios Guarani. Uma Sociedade que recusou o Estado".

Pierre Clastres

A Sociedade contra o Estado

Na sociedade primitiva, sociedade essencialmente igualitária, os homens são senhores de sua atividade, senhores da circulação dos produtos dessa atividade: eles só agem para si próprios, uma vez que a lei da troca dos bens só mediatiza a relação direta do homem com o seu produto. Tudo se desarticula, por conseguinte, quando a atividade de produção se afasta do seu objetivo inicial, quando em vez de produzir apenas para si mesmo, o homem primitivo produz também para os outros, sem troca e sem reciprocidade. Só então é que podemos falar em trabalho: quando a regra igualitária de troca deixa de constituir o "código civil" da sociedade, quando a atividade de produção visa a satisfazer as necessidades dos outros, quando a regra de troca é substituída pelo terror da dívida. Na verdade, é exactamente aí que se inscreve a diferença entre o selvagem amazónico e o índio do império inca. O primeiro produz, em suma, para viver, enquanto o segundo trabalha, mais e mais, para fazer com que outros vivam – os que não trabalham, os senhores que lhe dizem: cumpre e paga o que nos deves; impõe-se que tu eternamente saldes a dívida que connosco contraíste.

Quando, na sociedade primitiva, o económico se deixa identificar como campo autónomo e definido, quando a atividade de produção se transforma em trabalho alienado, contabilizado e imposto por aqueles que vão tirar proveito dos frutos desse trabalho, é sinal de que a sociedade já não é primitiva, tornou-se uma sociedade dividida em dominantes e dominados, em senhores e súbditos, e que deixou de exorcizar aquilo que está destinado a matá-la: o poder e o respeito ao poder. A principal divisão da sociedade, aquela que serve de base a todas as outras, inclusive sem dúvida à divisão do trabalho, é a nova disposição vertical entre a base e o cume, é o grande corte político entre detentores da força, seja ela militar ou religiosa, e submetidos a essa força. A relação política do poder precede e fundamenta a relação económica de exploração. Antes de ser económica, a alienação é política, o poder antecede o trabalho, o económico é uma derivação do político, a emergência do Estado determina o aparecimento das classes. (…)

Pierre Clastres (à direita) ao lado do cacique mbya-guaraní Ángelo Garay

A verdadeira revolução, na proto-história da humanidade, não é a do neolítico, uma vez que ela pode muito bem deixar intacta a antiga organização social, mas a revolução política: é essa aparição misteriosa, irreversível, mortal para as sociedades primitivas, que conhecemos sob o nome de Estado. E caso haja desejo de conservar os conceitos marxistas de infra-estrutura e de superestrutura, então talvez seja necessário reconhecer que a infra-estrutura é o político e que a superestrutura é o económico. Somente uma convulsão estrutural, abissal pode transformar, destruindo-a como tal, a sociedade primitiva: aquilo que faz surgir no seu seio ou a partir do exterior, aquilo cuja ausência mesma define essa sociedade, a autoridade da hierarquia, a relação de poder, a dominação dos homens, o Estado. Seria vão procurar a sua origem numa hipotética modificação das relações de produção na sociedade primitiva, modificação que, dividindo pouco a pouco a sociedade em ricos e pobres, exploradores e explorados, conduziria mecanicamente à instauração de um órgão de exercício do poder dos primeiros sobre os segundos, ao aparecimento do Estado.

Hipotética, essa modificação da base económica é ainda mais impossível. Para que, numa dada sociedade, o regime de produção se transforme no sentido de uma maior intensidade de trabalho que visa uma produção acrescida de bens, é necessário ou que os homens dessa sociedade desejem essa transformação do seu género de vida tradicional, ou que, mesmo não a desejando, eles se vejam obrigados por uma violência externa. No segundo caso, nada advém da própria sociedade, que sofre a agressão de uma força externa em beneficio da qual o regime de produção vai modificar-se: trabalhar e produzir mais para satisfazer as necessidades dos novos senhores do poder. A opressão política determina, chama, permite a exploração. Mas a evocação de uma tal "encenação" não serve de nada, uma vez que ela coloca uma origem externa, contingente, imediata, da violência estatal, e não a lenta realização das condições internas, socioeconómicas, de seu aparecimento. O Estado, dizem, é o instrumento que permite à classe dominante exercer a sua dominação violenta sobre as classes dominadas. Que seja. Para que haja o aparecimento do Estado, é necessário pois, que exista, antecipadamente, a divisão da sociedade em classes sociais antagónicas, ligadas entre si por relações de exploração. Por conseguinte, a estrutura da sociedade - a divisão em classes - deveria preceder a emergência da máquina estatal. Observemos de passagem a fragilidade dessa concepção puramente instrumental do Estado. Se a sociedade é organizada por opressores capazes de explorar os oprimidos, é porque essa capacidade de impor a alienação repousa sobre o uso da força, isto é, sobre aquilo que faz da própria substân-

cia do Estado "monopólio da violência física legítima". A que necessidade responderia então a existência de um Estado, uma vez que a sua essência - a violência - é imanente à divisão da sociedade, e essa violência existiria antecipadamente na opressão exercida por um grupo social sobre os outros? Ele não seria senão o inútil órgão de uma função preenchida antes e alhures.

Articular o aparecimento da máquina estatal com a transformação da estrutura social leva somente a fazer recuar o problema desse aparecimento. É então necessário perguntar por que se produz, no seio de uma sociedade primitiva, isto é, de uma sociedade não-dividida, a nova divisão dos homens em dominantes e dominados? Qual é o motor dessa transformação maior que culminaria na instalação do Estado? A sua emergência sancionaria a legitimidade da propriedade privada que teria aparecido previamente e o Estado seria o representante e o protetor dos proprietários? Muito bem. Mas porque teria surgido a propriedade privada num tipo de sociedade que ignora, porque a recusa, a propriedade? Por que alguns desejaram proclamar um dia: isto é meu, e como os outros deixaram que se estabelecesse assim o germe daquilo que a sociedade primitiva ignora, a autoridade, a opressão, o Estado? O que hoje se sabe das sociedades primitivas não permite que continuemos a procurar a origem do político no nível económico . Não é nesse solo que se enraíza a árvore genealógica do Estado. Nada existe, no funcionamento económico de uma sociedade primitiva, de uma sociedade sem Estado, que permita a introdução da diferença entre mais ricos e mais pobres, pois aí ninguém tem o estranho desejo de fazer, possuir, parecer mais que o seu vizinho. A capacidade, igual entre todos, de satisfazer as necessidades materiais, e a troca de bens e serviços, que impede constantemente a acumulação privada dos bens, tornam simplesmente impossível a eclosão de um tal desejo, desejo de posse que é de fato desejo de poder. A sociedade primitiva, primeira sociedade de abundância, não deixa nenhum espaço para o desejo de superabundância.

As sociedades primitivas são sociedades sem Estado porque, nelas, o Estado é impossível. E entretanto todos os povos civilizados foram primeiramente selvagens: o que fez com que o Estado deixasse de ser impossível? Porque é que os povos deixaram de ser selvagens? Que formidável acontecimento, que revolução permitiu o surgimento da figura do Déspota, daquele que comanda os que obedecem? De onde provém o poder político? Mistério, talvez provisório, da origem. (…)

(…)O que quer isso dizer? Os profetas, armados apenas das suas palavras, podiam determinar uma "mobilização" dos índios, podiam realizar esta coisa impossível na sociedade primitiva: unificar na migração religiosa a diversidade múltipla das tribos. Eles conseguiram realizar, de um só golpe, o "programa" dos chefes! Armadilha da história? Fatalidade que apesar de tudo consagra a própria sociedade primitiva à dependência? Não se sabe. Mas tinham muito mais poder do que aquele que os segundos detinham. Então talvez seja preciso retificar a ideia da palavra como oposto à violência. Se o chefe selvagem é obrigado a um dever de palavra inocente, a sociedade primitiva pode também, evidentemente em condições determinadas, voltar-se para a escuta de uma outra palavra, esquecendo que essa palavra é dita como um comando: é a palavra profética. No discurso dos profetas jaz talvez em germe o discurso do poder, e sob os traços exaltados do condutor de homens que afirma o desejo dos restantes, talvez se dissimule já a figura silenciosa do Déspota.

A SOCIEDADE CONTRA O ESTADO
- 1974 -
PIERRE CLASTRES

Palavra profética, poder da palavra: teríamos nela o lugar originário do poder, o começo do Estado no Verbo? Profetas conquistadores das almas antes de serem senhores dos homens? Talvez. Mas, mesmo na experiência extrema do profetismo (porque sem dúvida a sociedade tupi-guarani tinha atingido, por razões demográficas ou outras, os limites extremos que determinam uma sociedade como sociedade primitiva), o que os selvagens nos mostram é o esforço permanente para impedir os chefes de serem chefes e a recusa da unificação; é o trabalho de conjuração do Um, do Estado. A história dos povos que têm um história é, diz-se, a história da luta de classes. A história dos povos sem história é, dir-se-á com ao menos tanta verdade, a história da sua luta contra o Estado.

Edição integral do livro:

http://www.arteeanarquia.xpg.com.br/a_sociedade_contra_o_estado_pierre_clastres.htm

Da Liberdade

Mikhail Bakunin

Só serei verdadeiramente livre quando todos os seres humanos que me cercam, homens e mulheres, forem igualmente livres, de modo que quanto mais numerosos forem os homens livres que me rodeiam e quanto mais profunda e maior for a sua liberdade, tanto mais vasta, mais profunda e maior será a minha liberdade. Eu só posso considerar-me completamente livre quando a minha liberdade ou, o que é a mesma coisa, quando a minha dignidade de homem, o meu direito humano refletidos pela consciência igualmente livre de todos, me forem confirmados pelo assentimento de todos. A minha liberdade pessoal, assim confirmada pela liberdade de todos, estende-se até o infinito. (...)

A liberdade dos indivíduos não é um facto individual. É um facto, um produto coletivo. Nenhum homem conseguiria ser livre isolado e sem a contribuição de toda a sociedade humana. Os individualistas, os falsos amigos que combatemos em todos os congressos de trabalhadores, afirmaram, com os moralistas e os economistas burgueses, que o homem podia ser livre, que podia ser homem, afastado da sociedade, dizendo que a sociedade tinha sido fundada por um contrato de homens anteriormente livres.(…)

O homem só se emancipa da pressão tirânica exercida sobre ela pela natureza exterior com o trabalho coletivo; pois o trabalho individual, impotente e estéril, nunca saberia vencer a natureza.(...)

Tudo que é humano no homem, e a liberdade mais do que qualquer outra coisa, é produto de um trabalho social, coletivo. Ser livre no isolamento absoluto é um absurdo inventado pelos teólogos e metafísicos.(...)

O homem só se torna verdadeiramente homem quando respeita e ama a humanidade e a liberdade de todos, e quando a sua humanidade e liberdade são respeitadas, amadas, suscitadas e criadas por todos. (...)

Outros modos de viver

Vegetarianismo libertário: muito para além da alimentação

O que leva um indivíduo a adotar uma dieta vegetariana? Preocupação estética? Saúde? Paladar exigente?
Obviamente cada vegetariano carrega o seu motivo individual, mas o que poucos compreendem é que o vegetarianismo vai muito além de uma questão alimentar.
Falaremos do vegetarianismo sob uma visão libertária para compartilhar os motivos pelos quais adoptamos essa escolha.
Ser libertário é, em principio, defender a liberdade de cada ser. Não nos limitamos em apoiar apenas a liberdade do ser humano, posto que todo aquele que anda sobre a terra é munido de sentimentos. Defendemos a libertação animal e o fim de sua exploração pelo homem, já que os animais não são capazes de se defender sem o nosso apoio. O vegetarianismo é uma maneira de impactar as indústrias responsáveis por tal exploração, além de ser uma dieta saudável e variada.
Mas isso não é tudo. O simples fato de não comer carne é por si um cuidado com o meio ambiente, já que a indústria da carne é responsável por grande parcela da poluição de rios e da atmosfera, despejando toneladas de resíduos e agentes tóxicos que contribuem inclusive para a deterioração da camada de ozono.
Além disso, a criação de gado exige mais recursos do que o cultivo de vegetais, desperdiçando água e cereais.

80% da soja produzida no mundo é usada como alimentação de gado para a indústria da carne, sendo que esses cereais poderiam ser usados para alimentar populações famintas; mais da metade da água consumida no mundo é destinada a criação de gado, quando seria mais produtivo utilizar essa água para o cultivo de cereais para o nosso próprio consumo. E isso são apenas alguns exemplos do impacto causado pelo consumo de carne.
Entre tantos pontos económicos, éticos, ambientais e até mesmo em cuidado à vida, adoptamos o vegetarianismo como atuação pelo respeito aos animais, pela preservação do meio ambiente, por questões económicas e por uma refeição seguramente saudável e saborosa.
Por isso entendemos que o vegetarianismo é também uma postura libertária. Sugerimos que busque mais informações sobre o vegetarianismo. Garantimos que é fácil e agradável adotar essa dieta e estilo de vida.

adaptado de http://tapaativismo.blogspot.pt

Cerca de quatro dezenas de pessoas na apresentação do Colectivo Libertário de Évora

Cerca de 40 pessoas assistiram no passado dia 13 de Novembro, na Associação "é neste país", à exibição do filme "Terra e Liberdade" – que retrata o confronto entre os anarquistas e os stalinistas pró-Moscovo em plena guerra civil espanhola, com a posterior militarização das milícias populares – , a que se seguiu a apresentação do Colectivo Libertário de Évora.
Presentes na sala pessoas de diversas sensibilidades, mas todas elas curiosas relativamente ao anarquismo e às possibilidades de construção de um espaço alternativo aos aparelhos partidários. Os membros do Colectivo Libertário disseram que, numa primeira fase, pretendiam dar visibilidade às ideias anarquistas e acolher no seu seio todos os que quisessem trabalhar em prol das ideias libertárias, nomeadamente na organização de experiências de democracia directa, como um projecto de trocas; espaços autogestionados; assembleias de base local, etc..
Durante a discussão alguns dos presentes relataram as suas experiências de vida: um jovem trouxe a sua experiência de desemprego já de há vários anos, sem qualquer apoio, ainda à espera do RSI, e tendo que se alimentar num refeitório social de uma das paróquias da cidade. Foram assinalados ainda os cortes na saúde e destacada a importância da greve geral do dia seguinte (14 de Novembro) , sobretudo por ela ter uma dimensão supra-nacional.
Com a aproximação das eleições locais- e embora os anarquistas estejam afastados das lutas políticas pelo poder autárquico, que não nos interessam minimamente – foi defendido que seria útil a elaboração de uma espécie de agenda local alternativa às promessas partidárias, mas assente na cidadania e na proximidade (a necessidade de espaços de lazer ou comunitários; os edifícios em ruínas que é urgente recuperar ; aspectos ecológicos de fundo; etc.).
Na sessão estiveram também presentes elementos do Grupo Anarquista Gonçalves Correia, de Castro Verde, que edita a revista Alambique e que trouxeram a notícia de que está para breve (dentro de duas semanas) a edição por diversos grupos de várias zonas do país de um jornal anarquista, impresso, a ser distribuído a nível nacional e que pretende ter uma cobertura também nacional. Na altura far-se-á a apresentação deste jornal aqui em Évora, sendo natural que, independentemente do Colectivo Libertário de Évora continuar a editar o Boletim Acção Directa, possamos também integrar este projecto de media alternativa que tanta falta tem feito na articulação dos vários segmentos do movimento libertário em Portugal.
Em Janeiro, o Colectivo Libertário de Évora irá dar início a um ciclo de filmes alternativos e de debates (um por mês) até Maio/Junho, altura em que está prevista a realização de uma Semana Anarquista em Évora (com debates, exposições, música, documentários, feira do livro, comidas vegetarianas e alternativas, etc.), para a qual vai ser necessário o envolvimento do maior número de pessoas possível. Tentaremos também publicar mensalmente o boletim "Acção Directa".

Memória Libertária

Jaime Rebelo

A 22 de Dezembro de 1900 nascia em Setúbal o anarcosindicalista e resistente antifascista Jaime Rebelo. Pescador e marítimo de profissão, ainda jovem aderiu à Confederação Geral do Trabalho (CGT), da qual foi um dos principais responsáveis em Setúbal. Viveu a maior parte da sua vida em Cacilhas. Como militante anarco-sindicalista foi um dos animadores, com Francisco Rodrigues Franco, da Associação de Classe dos Trabalhadores do Mar de Setúbal, mais conhecida por "Casa dos Pescadores", que foi encerrada na sequência do golpe de Estado de 28 de Maio de 1926 e da qual conseguiu salvar documentação importante.
Em 1931, em consequência da chamada "Greve dos 92 dias" , foi preso e torturado pela PIDE. Durante os interrogatórios, cortou a língua com os próprios dentes para evitar falar e denunciar os companheiros. Sabendo deste facto, o escritor Jaime Cortesão dedica-lhe um dos seus poemas mais belos (ver caixa) – o Romance do Homem da Boca Fechada. Este poema circula clandestinamente durante toda a ditadura salazarista e foi publicado em 1937 no jornal comunista "Avante", que procurava, nessa altura, forçar uma política de Frente Popular.
Uma vez em liberdade e vitima de perseguições constantes emigrou para Espanha. Ali filiou-se na CNT anarcosindicalista e durante a Revolução Espanhola fez parte das milícias confederais e comandou uma unidade que combateu na frente meridional. Com o triunfo fascista em Espanha, foi para França, voltando depois a Portugal onde continuou a lutar contra a ditadura do Estado Novo, ganhando a vida a partir de 1968 como revisor do jornal "A República", ao lado do também anarquista Francisco Quintal.
Depois do 25 de Abril presidiu à primeira Assembleia Geral da restituída "Casa dos Pescadores" e participou na constituição da Cooperativa Editora de "A Batalha", antigo jornal diário da CGT. Membro activo do Movimento Libertário Português (MLP) participou na criação do jornal "A Voz Anarquista", editado pelo Centro de Cultura Libertária de Almada. Jaime Rebelo morreu a 7 de Janeiro de 1975. O historiador César de Oliveira dedicou-lhe um estudo "Jaime Rebelo: um homem para além do tempo", publicado em Março de 1995 na revista História. No bairro de São Julião, em Setúbal, há uma avenida com o seu nome.

Romance do Homem da Boca Fechada

- Quem é esse homem sombrio
Duro rosto, claro olhar,
Que cerra os dentes e a boca
Como quem não quer falar?
- Esse é o Jaime Rebelo,
Pescador, homem do mar,
Se quisesse abrir a boca,
Tinha muito que contar.

Ora ouvireis, camaradas,
Uma história de pasmar.

Passava já de ano e dia
E outro vinha de passar,
E o Rebelo não cansava
De dar guerra ao Salazar.
De dia tinha o mar alto,
De noite, luta bravia,
Pois só ama a Liberdade,
Quem dá guerra à tirania.
Passava já de ano e dia...
Mas um dia, por traição,
Caiu nas mãos dos esbirros
E foi levado à prisão.

Algemas de aço nos pulsos,
Vá de insultos ao entrar,
Palavra puxa palavra,
Começaram de falar
- Quanto sabes, seja a bem,
Seja a mal, hás de contá-lo,
- Não sou traidor, nem perjuro;
Sou homem de fé: não falo!
- Fala: ou terás o degredo,
Ou morte a fio de espada.
- Mais vale morrer com honra,
Do que vida deshonrada!

- A ver se falas ou não,
Quando posto na tortura.
- Que importam duros tormentos,
Quando a vontade é mais dura?!

Geme o peso atado ao potro
Já tinha o corpo a sangrar,
Já tinha os membros torcidos
E os tormentos a apertar,
Então o Jaime Rebelo,
Louco de dor, a arquejar,
Juntou as últimas forças
Para não ter que falar.
- Antes que fale emudeça! -
Pôs-se a gritar com voz rouca,
E, cerce, duma dentada,
Cortou a língua na boca.

A turba vil dos esbirros
Ficou na frente, assombrada,
Já da boca não saia
Mais que espuma ensanguentada!

Salazar, cuidas que o Povo
Te suporta, quando cala?
Ninguém te condena mais
Que aquela boca sem fala!

Fantasma da sua dor,
Ainda hoje custa a vê-lo;
A angústia daquelas horas
Não deixa o Jaime Rebelo.
Pescador que se fez homem
Ao vento livre do Mar,
Traz sempre aquela visão
Na sombra dura do olhar,
Sempre de boca apertada,
Como quem não quer falar.

Jaime Cortesão

Homens que conheci: Adriano Botelho, Artur Modesto e Jaime Rebelo

Logo a seguir ao 25 de Abril tive o privilégio de conhecer e conviver com alguns militantes anarquistas e anarcosindicalistas, sobreviventes ainda da antiga Confederação Geral do Trabalho ou das Juventudes Sindicalistas. A maioria andava já na casa dos 70 anos, muitos tinham passado pelo Tarrafal, outros estiveram anos e anos na clandestinidade.
Hoje recordo três anarquistas de velha cepa. Cada qual um ser singular e qualquer deles valendo muito mais do que qualquer comissão central de qualquer partido ou grupozito.
Adriano Botelho, quando o conheci, teria já 80 anos. De uma ternura comovente, nos anos do fascismo, isolado dos companheiros, copiava numa letra miúda textos anarquistas e ia-os espalhando pelos autocarros e pelos eléctricos da Carris em Lisboa. Era a sua maneira, com os meios que tinha, de fazer propaganda. Editou, julgo que já em 1975, um pequeno folheto com o essencial das suas ideias.
Artur Modesto, era um antigo sapateiro de Beja, militante das Juventudes Sindicalistas. Por eu ter chegado também a Lisboa, naquele ano de 1974, vindo de Beja, ligaram-nos laços especiais de amizade. Artur Modesto era um revolucionário a sério - mas de um pacifismo a toda a prova. Humanista, autodidacta, chegou a ser secretário particular de António Sérgio e, com ele, partilhava uma especial afeição pelo cooperativismo. Disse-me que o Despertar de Beja foi, no seu início, constituído por jovens anarco-sindicalistas que adoptaram o nome do jornal das Juventudes Sindicalistas - O Despertar - para sigla do clube.
Para último deixo Jaime Rebelo. Um homem seco e rijo. Quando o conheci em 1974 ainda tinha problemas de fala. Esteve nas lutas dos pescadores de Setúbal, depois na Revolução Espanhola, integrando as fileiras da CNT. Preso nos anos 30 pela polícia política, tinha cortado a língua, recusando-se a responder às perguntas que lhe colocavam. Jaime Cortesão soube da história e escreveu um poema em sua homenagem, que circulou clandestino, de mão em mão, e que acabou por ser publicado anos depois no Avante: o Romance do Homem da Boca Fechada.
Gente que hoje fazia falta por cá, neste angustiante deserto de ideias e de altivez de atitudes, que é a sociedade portuguesa.

CJ

http://acincotons.blogspot.pt/

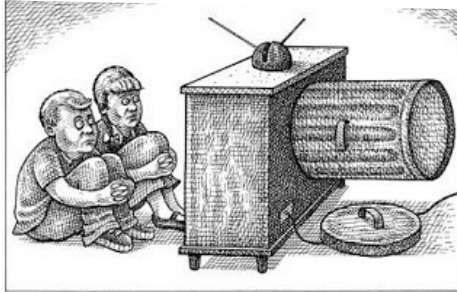
A Fechar

Telelixo, telemiséria

Missão: aniquilar o sentido crítico

A telemiséria espiritual dos mass-media já não esconde as suas pretensões de manipulação em larga escala. Sustentar este sistema baseado na degradação psicológica, ou seja espiritual, e reduzir o homem a um mero objecto de consumo e de produção necessita de estratégias propagandísticas muito elaboradas, similares às da Alemanha nazi.

"Defender" o tão cacarejado "estado de bem-estar", com a saúde e a educação à cabeça, ou a luta de egos que deriva da infantilização da sociedade, são condições essenciais para manter o sistema actual.

A confusão que gera a telemiséria e a propaganda que transmite, com os seus programas de entretenimento, notícias, etc., passam para um primeiro plano e a sua principal missão é aniquilar o pensamento objectivo e crítico de cada um de nós.

A destruição programada a nível psicológico e espiritual do homem serve de base para que seja usado, submetendo-o ao sofrimento e à condenação que esse uso implica, fragmentando-o e reduzindo-o a uma mera peça produtiva do capitalismo e a uma luta de egos interminável que ele próprio tolera e aceita, seja de forma consciente, seja inconsciente.

Adaptado de http://matapuces.blogspot.com.es/

Évora, cidade degradada

Recentemente foi criada no facebook uma página dedicada à denúncia de atentados ao património e ao estado de degradação da cidade de Évora.

Esta página, que reúne já cerca de 400 gostos, trouxe a público o estado de degradação de alguns edifícios no Centro Histórico, a péssima manutenção de algumas ruas e avenidas, carros abandonados, desleixo puro e simples de quem devia ter como missão cuidar do espaço público e não o faz, seja a Câmara, sejam as Juntas de Freguesias, sejam outras entidades.

Intitulado "Évora - Cidade em Degradação", é um exercício de cidadania que deve ser apoiado e todas as queixas e situações menos claras - desde o estado das ruas aos maus tratos do património edificado - para ali canalizadas, de forma a todos termos um conhecimento directo dos problemas que afectam a cidade em que vivemos.

https://www.facebook.com/pages/%C3%89vora-Cidade-em-Degrada%C3%A7%C3%A3o/409050225830204?fref=ts

Natal é sempre que os supermercados quiserem

Apesar da crise e da miséria que milhares de famílias atravessam, este período de Natal continua a ser uma verdadeira Meca para o consumo mais desenfreado. Em nome da tradição natalícia, impôs-se à sociedade um mercantilismo de inutilidades, propagandeadas por todos os meios de comunicação social e por todas as formas de transmissão de mensagens, desde a publicidade nas caixas de correio aos grandes outdoors.

As grandes superfícies ostentam filas e filas de prateleiras de objectos geralmente inúteis ou facilmente prescindíveis mas que a voragem do consumo faz com que muitos os adquiram, numa espécie de psicologia de massas que a todos - pelo menos aos que podem - transforma em vorazes consumidores.

O Pai Natal cada vez se assemelha mais a Belmiro de Azevedo ou a Soares dos Santos exigindo que tenhamos sempre à mão o cartão de multibanco para o enfiarmos nos seus "sapatinhos".

A crítica ao consumismo - mesmo em tempo de crise - e à qualidade dos produtos que adquirimos deve ser constante mas reforçada neste período do natalício em que todos os meios de propaganda e publicidade estão virados contra nós enquanto consumidores.

T.M.

"O indivíduo é a verdadeira realidade da vida, um universo em si próprio. Ele não existe em função do Estado, ou de esta abstração que se chama sociedade ou nação, e que não é outra coisa senão um amontoado de indivíduos. O homem foi sempre, é necessariamente, a única fonte, o único motor de evolução e de progresso. A civilização é o resultado de um combate contínuo do indivíduo ou dos agrupamentos de indivíduos contra o Estado e até contra a sociedade, isto é, contra a maioria hipnotizada pelo Estado e submetida ao seu culto" - Emma Goldman